

# ENTREVISTA COM O PROFESSOR SÍRIO POSSENTI, UNICAMP

Entrevistado por:  
**Flavia Regina Mello (Mestranda em Linguística)**  
**Luiz Felipe Andrade (Mestrando em Linguística)**

Professor, pesquisador e escritor, Sírio Possenti é um dos mais conhecidos e respeitados linguistas brasileiros da atualidade. Professor titular do Departamento de Linguística da Unicamp, suas pesquisas são voltadas, principalmente, para a Análise do Discurso, com especial interesse nos campos do humor e da mídia. Publicou dezenas de livros ao longo de sua carreira, entre eles *Discurso, estilo e subjetividade* (1988), *Os humores da língua* (1998), *Por que (não) ensinar gramática na escola* (1996), *Os limites do discurso* (2002), *Questões para analistas do discurso* (2009), *Humor, língua e discurso* (2010) e *Questões de linguagem: passeio gramatical dirigido* (2011). Atuou na tradução de diversas obras para o português, incluindo *Gêneses dos discursos* (2005), *Cenas da Enunciação* (2006) e *Frases sem texto* (2014), escritas por Dominique Maingueneau. Assina pelo menos duas colunas sobre Linguística e Língua Portuguesa: o *Blog do Sírio*, no Terra Magazine, e a coluna *Palavreado*, na revista Ciência Hoje. Confira a seguir essa divertida entrevista, gentilmente concedida por e-mail, em que o professor fala sobre língua, discurso, humor e comédia.

## PALIMPSESTO

Acreditamos que o espaço da “divulgação científica” dos estudos linguísticos tem se ampliado bastante de uns anos para cá. O senhor mesmo publica uma saborosa coluna semanal no Terra Magazine, além de manter uma coluna mensal na revista Ciência Hoje. Qual a importância de uma coluna dessa natureza para um público leigo? E como o senhor explica a ampliação da demanda por colunas do gênero?

## SÍRIO POSSENTI

Estou um pouco desinformado sobre isto, ou seja, não sei se é um fato que há mais demanda por colunas de divulgação da linguística. O que se pode confirmar é que há muito mais livros de linguística do que há alguns anos. Creio que o público fundamental é o de estudantes de letras e de linguística. Mas é possível – não tenho nenhuma certeza – de que certos episódios, como o do tal livro do MEC, muito mal lido e discutido na mídia, de certa forma deu voz aos linguistas. Houve críticos duros (e burros) do livro, mas alguns diziam que problemas como o que esteve em foco merecem ser estudados na universidade, mas não na escola. Talvez isso tenha feito a palavra “linguística” circular um pouco mais.

As colunas clássicas sobre língua não mudaram muito, pelo que sei, embora em alguns casos se possa perceber que seus autores passaram a ler alguma coisa nova. Pelo menos já falam em anáfora e aceitam algum tipo de variação linguística.

Gostaria que chegasse logo o tempo no qual se encarasse a língua como se encaram outros fenômenos culturais, sociais, históricos, isto é, que pelo menos que se distingam os fatos de sua avaliação. Para ser mais claro: que se reconheçam os fatos, sejam fonológicos, sintáticos ou semânticos. Depois, quem quiser que os julgue, mesmo que o julgamento seja uma droga. Mas que não se comece dizendo que se trata de um erro: um fato é um fato, não é um erro. Já seria um grande avanço.

## PALIMPSESTO

Seus primeiros trabalhos sobre humor remontam a meados da década de 1990. Na introdução de seu primeiro livro dedicado ao tema, *Os humores da língua* (1998, Editora Mercado de Letras), o senhor começa retomando uma declaração de Chiaro, de que “são incontáveis os estudos sobre humor e sobre aquilo que faz as pessoas rirem”. Vinte anos se passaram e o senhor continua produzindo bastante sobre o tema. O que faz do humor um campo tão profícuo? E: ainda há muito a pesquisar, descobrir, refletir sobre o tema?

## SÍRIO POSSENTI

Na verdade, vinte anos é o tempo de meu trabalho no campo. E é um tempo bem curto... O humor é um tema relevante desde sempre. Talvez não tenha havido intelectual de relevo (um filósofo, por exemplo) que não tenha dito alguma coisa sobre o tema. Ele está presente em todos os antigos mestres da retórica, pelo menos. É um tema multissecular. Estudiosos das línguas nem sempre se dedicaram a ele, mas acho que foi pelas mesmas razões pelas quais não se estudaram outros fenômenos populares - isto é, das línguas como faladas comumente. Durante muito tempo, só se estudaram temas “altos” veiculados em linguagem elevada (literatura, filosofia, textos religiosos etc.). Com o desenvolvimento dos estudos de cultura popular, mesmo que ela parecesse pouco mais que curiosidade, textos de humor começaram a ser olhados mais de perto. E começou-se a ver que não se tratava apenas de curiosidades (ou de sintomas) culturais ou folclóricas, no pior sentido, mas também de indícios de funcionamento das línguas.

Muitos problemas linguísticos que, durante o aprendizado, seja informal, seja escolar, merecem atenção, são tratados em gêneros populares como adivinhas e charadas e piadas. “Amazonas” é uma palavra ou são duas? “Gosta de regiões” é sinônimo de “ama zonas”. “Sergipe” é um estado brasileiro, e seu nome possibilita uma adivinha: “qual o estado que queria ser carro?”. Crianças (de todas as idades) podem errar grafias de nomes que têm essas características. Estas brincadeiras populares mostram que as línguas não são o que as gramáticas dizem que são, que a ambiguidade não é um vício de linguagem, embora possa ser um problema na redação da Constituição.

Os estudos do humor tal como ele se manifesta na língua é tanto um caminho para entender do que rimos (e os psicanalistas nos dirão quais são as razões que nos levam a este tipo de manifestação e os neurólogos, o que é ativado no cérebro quando rimos etc.) quanto um caminho para estudar melhor as línguas.

## **PALIMPSESTO**

O senhor considera que o português seja uma língua mais propícia para o humor do que outras? A variedade brasileira da língua, por exemplo, favorece essa capacidade humorística da língua?

## **SÍRIO POSSENTI**

Não, não. Todas as línguas fornecem as mesmas ferramentas para fazer rir. Ambiguidades de todos os tipos podem ser produzidas em todas as línguas. Não sei se é verdade, mas acho que não há povos mais bem humorados (isto é, produtores de humor) do que outros. Este tipo de afirmação é mais da ordem dos estereótipos; penso que não se confirma com fatos. Basta ver coletâneas de piadas.

Aliás, uma coisa mais do que curiosa é que, se você conhece uma coleção de 500 piadas em português e puder ler uma de outras tantas em francês ou em italiano, verá que muitas estarão repetidas. Só não se repetem aquelas que dependem efetivamente de uma característica específica (uma palavra do tipo “amazonas”, por exemplo) que não exista em outra língua. As “mesmas” piadas circulam por boa parte do mundo. Sem mencionar os temas, que são sempre os mesmos...

## **PALIMPSESTO**

Quais características das línguas humanas – e da língua portuguesa – o senhor, como estudioso do humor linguístico, apontaria como sendo as principais responsáveis por essa capacidade humorística?

## **SÍRIO POSSENTI**

A regra básica de uma piada é a seguinte: alguém diz uma coisa qualquer e pensa que o que disse só tem uma interpretação. O humorista é o cara que mostra que isso não é verdade, que

aquela sequência é ambígua, pode ter outro sentido. Por exemplo, alguém é convidado para uma “festa de 15 anos” e diz que vai, mas que “só pode ficar 2 anos”. Quem imaginaria que “de 15 anos” pudesse ser lido como o tempo de duração da festa?

## **PALIMPSESTO**

O *stand up* é um fenômeno que tem ganhado particular atenção da imprensa e muitos comediantes ligados ao “gênero” atingiram a fama recentemente. O que diferencia este tipo de humor, de um ponto de vista linguístico?

## **SÍRIO POSSENTI**

O *stand up* é um fenômeno que tem mais a ver com circulação do humor (ocorre num bar ou na festa de uma empresa), de mercado de trabalho (alguém pode ser contratado para contar piadas ou uma história engraçada num bar ou num clube) etc. Hoje, esta performance pode ser gravada e postada no Youtube e ser visualizada por muitas pessoas, o que cria um círculo (vicioso ou virtuoso, dependendo da qualidade).

Por si só, o *stand up* não cria nem impede nenhum tipo de humor. Qualquer pesquisa mostraria que não há nele muita (ou que não há nenhuma) novidade. Mas seria necessário ver de perto se há alguma novidade em termos de linguagem, em sentido mais técnico, não no sentido de que o meio – o bar ou o Youtube - é a mensagem.

Não creio que haja; ou seja, não vi nada de novo ainda. Pode ser que haja maior liberdade temática (falar de si, ou fazer de conta que se fala de si; ou de situações que antes não havia, como cenas em torno do celular ou no motel; ou que se possa falar mal da mãe mais facilmente do que antes).

Não vejo muito estes programas. Quando decido ver, encontro mais baixaria do que qualquer texto mais elaborado (embora haja alguns). Quase sempre me pergunto do que riem as grandes plateias de alguns comediantes, estes que têm muitos seguidores... Diria que são os mesmos que fazem “Camaro amarelo” ser a música do ano... Se o gosto musical é este, ficarão

contentes com alguns palavrões proferidos por um artista. E pagam. Isso é que é de fato engraçado.

## **PALIMPSESTO**

Acabou de sair um novo livro de Dominique Maingueneau, *Frases sem texto* (2014, Parábola Editorial), do qual o senhor fez não só a tradução de vários capítulos como uma breve apresentação. O senhor acredita que esta publicação aponta novos caminhos para a Análise do Discurso? A esse respeito ainda: como o senhor observa a ampliação do corpus usado pelos analistas do discurso, uma vez que, se tomarmos a história do campo, dedicava-se inicialmente a discursos políticos e por longo tempo ocupou-se de conjuntos extensos de texto, coletados de um longo período histórico?

## **SÍRIO POSSENTI**

Acho que este livro consolida a relevância de um tipo de corpus. Mas é só outro tipo de corpus (claro, há questões específicas que ele obriga a considerar). Mas não é uma nova análise do discurso. Todos podem ler com proveito; o livro não ameaça ninguém.

Deve ser lido no interior da disciplina, assim como, por exemplo, se estuda poesia depois de estudar romances. As teorias continuam as mesmas (e sempre em discussão, como deve ser). O que Maingueneau faz de novo é mostrar que há um tipo de “material” peculiar (e antigo!!), e que ele circula e funciona, coerentemente, de modo peculiar.

A questão da novidade em um campo é bem curiosa. É como o ovo de Colombo: posto de pé, a gente se pergunta como não se deu conta disso antes. As frases “soltas” estão à nossa volta o tempo todo, e desde sempre. Os provérbios e os slogans, que já nascem assim, digamos, mas também as frases que citamos, as que viram epígrafes, as “frases da semana”, as coletâneas de citações, as coletâneas de aforismos.

É verdade que as ditas mídias sociais aceleram o processo, que algumas dessas frases têm vida curta, que muitas não têm nenhuma relevância (ou profundidade) à moda antiga (do tempo

das verdades). Mas o fenômeno é o mesmo. A duração de cada uma na mídia é que tem a ver com nosso tempo. E é uma questão empírica saber se, no futuro, nossos netos discutirão “eu me acho linda” ou, ainda, “penso, logo existo”.

A mim, mais do que as frases destacadas, interessa seu percurso, outro conceito de Maingueneau. Trata-se da circulação dessas frases (e de outros materiais, como as fórmulas) por diversos discursos, atravessando fronteiras, eventualmente mudando de sentido em cada um deles, camaleões que são.

Há diversos novos materiais que os analistas de discurso consideram. Imagens, por exemplo (há uma febre de análise de imagens). Vejo muitos pequenos trabalhos sobre capas de revistas. É óbvio que as capas devem ter alguma relevância. Se se estuda mídia, não há como fugir da consideração das capas (ou das cartas de leitores, ou dos editoriais, ou dos obituários etc.). A questão, como sempre, é como são estudadas: se de fato se fazem valer as questões que a análise do discurso põe aos “textos”, ou se apenas se diz “como se pode ver”. Ora, se se pode ver, não é necessário analisar. Pode-se analisar capas sem analisar as matérias de capa ou mesmo uma série de capas e de matérias de capa? Vale a pena analisar as capas de uma só revista ou deve-se analisar diversas capas de diversas revistas na mesma conjuntura?

Tudo depende de como o analista arma o problema: com material aparentemente banal se pode eventualmente fazer uma limonada. As comidas dependem também do cozinheiro, por mais que o fogão seja relevante. A teoria não precisa se deter em corpora clássicos. Mas é bom ter clareza sobre as eventuais restrições de que as teorias padecem por terem sido formuladas tendo em vista um corpus privilegiado. Por exemplo, Foucault nunca analisou uma charge, nem enunciados de jornal, nem piadas, nem slogans. Quando falava de “verdade”, não se referia aos enunciados do cotidiano, nem aos jornais. Significa que temos que segui-lo na seleção do corpus? Claro que não. Mas, como ele gostava de dizer, temos que fazer os textos rangerem, e também os dele. Fazê-los render em outros domínios supõe um trabalho que ele não fez. Simplesmente aplicar transforma sua obra num almanaque.

## **PALIMPSESTO**

O senhor, assim como Maingueneau, já escreveu muitos artigos acerca da filiação da Análise do Discurso aos estudos linguísticos. O senhor acha que a AD ainda é considerada uma espécie de “filha bastarda” ou ramo acessório dos estudos da linguagem?

## **SÍRIO POSSENTI**

Não sei se a AD é considerada, ou se já o foi, uma filha bastarda da linguística. Sei que muitos linguistas não gostam de AD. Mas é também porque não a conhecem. Muitos também não gostam de fonologia ou de gerativismo, e pode ser por razões semelhantes.

Se a AD deve ou não ser parte da linguística é mais uma questão institucional do que epistemológica. Mas há questões curiosas: por que se podem produzir interpretações com base em leis sociais ou culturais (*frames, scripts*, enquadres), mas não se poderia fazer interpretações em termos ideológicos? É por que “ideologia” é um termo tanto associado a posições de esquerda? Se for por isso, esta é mais uma razão para praticar AD. Por que as pessoas podem ser impunemente “de direita”?

## **PALIMPSESTO**

Há alguma piada linguística recente que o senhor queira compartilhar conosco?

## **SÍRIO POSSENTI**

Gosto muito da seguinte:

Maria pede ao marido que vá ao armazém buscar 5 ovos.

- *Se tiver pão, traga seis*, ela acrescenta.

Na volta, ele entrega seis ovos e diz:

- *Tinha pão*.

**Como citar este artigo:**

POSSENTI, Sírio. Entrevista com o professor Sírio Possenti, da Unicamp: por Flavia Regina Mello e Luiz Felipe Andrade. **Palimpsesto**, Rio de Janeiro, n. 19, out - nov. 2014, pp. 390-398. Disponível em: <http://www.pgletras.uerj.br/palimpsesto/num19/entrevista/palimpsesto19entrevista01.pdf>. Acesso em: *dd mmm. aaaa*. ISSN: 1809-3507